

Programa Brasileiro GHG Protocol

PROJETOS GVCES | JANEIRO 2014

Promover uma cultura de mensuração e reporte de emissões de gases do efeito estufa (GEE) junto às organizações privadas e públicas do Brasil – este é um dos principais objetivos do Programa Brasileiro GHG Protocol, a maior iniciativa voluntária de publicação de inventários corporativos de emissões de GEE do país, que completou em 2013 cinco anos de atividades.

Fruto do esforço combinado de importantes organizações nacionais e internacionais, este projeto procura mostrar à iniciativa privada e ao poder público a seriedade do desafio das **mudanças climáticas** e a necessidade de se adaptar a este novo contexto, posicionando a questão climática dentro da agenda estratégica de empresas e governos.

Nesses cinco anos de trabalho, o Programa Brasileiro contribuiu decisivamente para desmistificar a **mensuração, reporte e verificação** de emissões de GEE junto às empresas brasileiras, facilitando a elaboração de inventários corporativos por parte dessas organizações. Isso se refletiu no aumento expressivo da participação de organizações dentro do Programa no decorrer deste período: de 27 membros fundadores em 2008, atualmente o Programa possui **106 organizações** membros, representando **16 setores** da economia brasileira - um crescimento de 450% desde o começo da iniciativa.

Neste documento, retomamos um pouco da história do Programa Brasileiro GHG Protocol nesses cinco anos de atividade, apontando os desafios, os sucessos, as dificuldades e as perspectivas para os próximos cinco anos.



Bonsai entregue às empresas fundadoras do Programa Brasileiro GHG Protocol, no Evento Anual que comemorou os cinco anos da iniciativa, em 2013.

INICIATIVA PIONEIRA

O Programa Brasileiro GHG Protocol nasceu em 2008 fruto da parceria entre o GVces, o World Resources Institute (WRI) e o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), com o apoio do Ministério do Meio Ambiente, da Embaixada Britânica no Brasil e do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD, sigla em inglês).

A ideia por trás da construção do Programa Brasileiro era preencher uma lacuna que existia no Brasil com relação à realização de inventários de GEE por parte das empresas. Na época, o Brasil já contabilizava suas emissões visando o Inventário Nacional de 2010, e um dos problemas mais evidentes desse esforço era a ausência de dados sobre a “pegada” empresarial/organizacional dentro do quadro geral das emissões brasileiras. A elaboração de inventários de emissões de GEE ainda era vista por muitas organizações como um obstáculo à estratégia de negócio, um esforço técnico que não envolvia ganhos estratégicos diretos para as empresas. Poucas organizações faziam inventários, nem sempre com metodologias que permitissem a **comparabilidade** das informações de diferentes empresas, e a **verificação** da confiabilidade dos dados ainda engatinhava.

“UM DOS PROBLEMAS
MAIS EVIDENTES ERA A
AUSÊNCIA DE DADOS”

A proposta do Programa Brasileiro GHG Protocol de estimular a cultura corporativa para a elaboração e publicação de inventários se apoiava no uso da metodologia **GHG Protocol**, desenvolvida pelo WRI em 1998, uma metodologia compatível com a **ISO 14064** e com as ferramentas de quantificação utilizadas pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (**IPCC**, sigla em inglês). Esta ferramenta possui alguns diferenciais importantes, como o seu caráter modular, sua flexibilidade, sua neutralidade em termos de políticas ou programas, e, especialmente, o fato de ser baseada em um amplo processo de consulta pública.



Representantes das 27 empresas fundadoras do Programa Brasileiro GHG Protocol

CONTEXTO BRASILEIRO

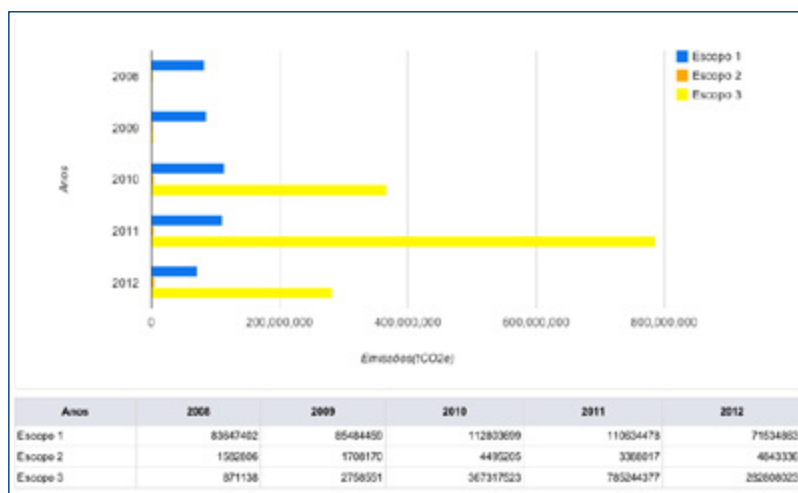
Por ser uma metodologia aberta, o GHG Protocol pôde ser adaptado à realidade das organizações brasileiras. Assim, em 2008, o Programa Brasileiro convidou diversas empresas do país para participar do primeiro ciclo de atividades e do processo de adaptação das especificações GHG Protocol ao **contexto nacional**, levando em conta as particularidades das organizações brasileiras.

Esse processo coletivo partiu dos padrões internacionais (Corporate Standard) definidos pelo WRI, que foram utilizados pelos 27 membros fundadores para inventariar suas emissões referentes ao ano de 2008. O WRI apoiou essa fase de **aprendizado** e adaptação trazendo especialistas e profissionais experientes na metodologia para treinar a equipe técnica do Programa Brasileiro, formada por integrantes do GVces.

Toda essa etapa inicial levou à formulação das Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol. Lançadas em 2010, elas estabeleceram um padrão para ajudar as empresas brasileiras na gestão corporativa das emissões de GEE, com ferramentas de mensuração e modelos de reporte.

A IMPORTÂNCIA DA TRANSPARÊNCIA E DA CONFIABILIDADE DOS DADOS

Com a ferramenta adaptada, o Programa Brasileiro passou a apoiar outros esforços relacionados à elaboração de inventários corporativos, especialmente no campo da verificação dos dados e da promoção da transparência junto aos stakeholders.



Emissões Históricas do Programa Brasileiro GHG Protocol

Em 2010, o GVces lançou o Registro Público de Emissões, a primeira plataforma online de preenchimento de inventários do Brasil. Esta ferramenta facilitou o processo de elaboração dos inventários, dando mais agilidade às organizações membro. No ano seguinte, o Registro Público ganhou uma área pública, que dá livre acesso aos dados de todos os inventários submetidos ao Programa desde 2009, dando mais transparência e maior alcance às informações registradas dentro do Programa Brasileiro.

A partir do Registro Público, o Programa Brasileiro passou a **qualificar publicamente os inventários** submetidos de acordo com a qualidade, abrangência e confiabilidade da informação relatada. Dessa forma, inventários completos e com informações verificadas por uma terceira parte ganham o Selo Ouro; inventários completos, mas sem verificação de terceiro, ganham o Selo Prata; e inventários incompletos ganham o Selo Bronze. Ao mesmo tempo em que esta qualificação serve para reconhecer os esforços das organizações que estão dedicadas à gestão integral das suas emissões, ela também incentiva as demais organizações a avançar em seus processos internos de elaboração e verificação dos inventários.

Para apoiar a verificação dos inventários, em 2011 o Programa Brasileiro apresentou suas [Especificações de Verificações](#), um guia que orienta as organizações membro no que tange à verificação das informações e dos inventários por uma terceira parte. Este esforço foi decisivo para que as organizações membro aperfeiçoassem a mensuração, relato e verificação das suas emissões, o que se refletiu posteriormente no número de inventários contemplados com o Selo Ouro.

NOVOS TEMAS, NOVOS DESAFIOS

A evolução do Programa Brasileiro se refletiu na abrangência da sua representatividade dentro do universo corporativo nacional. Em 2010, o Programa já reunia 39 membros; no ano seguinte, saltou para 78; e em 2013 chega a marca de 106 organizações membro. Mais do que apoiar a elaboração de inventários corporativos, o Programa Brasileiro GHG Protocol passou a observar outros desafios enfrentados por governos e empresas na gestão e redução das suas emissões de GEE.

A partir de 2010, o Programa Brasileiro passou a trabalhar a questão das emissões que acontecem fora das operações diretas das empresas inventariantes, ou seja, além dos seus limites organizacionais, mas dentro da sua **cadeia de valor**. Através de grupos de trabalho, os membros começaram a discutir formas de mensurar essas emissões, denominadas Escopo 3. Com a adoção de novos padrões de contabilização dessas emissões pelo WRI, em 2011, a equipe técnica do Programa e as organizações membros se debruçaram na adaptação e adoção dessa nova ferramenta para Escopo 3. Ainda observando a cadeia de valor, o Programa Brasileiro promoveu em 2013 uma feira de casos bem sucedidos de empresas que estão gerindo as emissões de GEE nas suas cadeias, e apoiando esforços de gestão de GEE por parte de seus fornecedores.

Outro tema abordado pelo Programa Brasileiro é o desenvolvimento de indicadores de intensidade carbônica, que aponta as emissões atreladas a um produto ou serviço, um aspecto cada vez mais importante para consumidores e investidores, e que vem sendo foco cada vez mais frequente de regulações públicas e de estratégias de competitividade internacional no contexto das mudanças do clima. Os **indicadores de intensidade carbônica** podem ser um instrumento importante para tornar a economia e as empresas brasileiras mais eficientes no contexto mundial de competitividade associada também à redução de emissões, além de prover ao poder público ferramentas para a formulação de políticas efetivas e realistas.



Em 2013, o Programa Brasileiro dá um novo passo ao realizar a primeira feira sobre a gestão de emissões de GEE na cadeia de valor

ARTICULAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM PROL DA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO

Além de ampliar a sua agenda ao longo dos anos, o Programa Brasileiro GHG Protocol também aprofundou os seus esforços na promoção de uma cultura corporativa de gestão das emissões de GEE. Em 2012, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, o Programa Brasileiro lançou a [Aliança Global de Registros de Emissões](#), um consórcio de programas que apoiam ativamente esforços para mensuração e gestão de emissões de GEE. O propósito da Aliança Global, lançada em parceria com o Energy and Climate Registry (China) e The Climate Registry (Estados Unidos), é alinhar padrões, metodologias e ferramentas confiáveis e transparentes para a mensuração e gestão de carbono, oferecendo um entendimento preciso, comparável e padronizado de emissões por setor, por atividade e por país, apoiando as empresas na sua inserção na economia de baixo carbono e os consumidores nas suas decisões de compra.

Também em 2012, à convite da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a equipe técnica do Programa Brasileiro passou a apoiar um projeto nacional de [capacitação de empresas](#) na elaboração de inventários corporativos. Até agosto de 2013, mais de 300 gestores e empresários já tinham sido treinados pela equipe do Programa Brasileiro, nas cinco regiões do país.

Além de apoiar o setor privado, o Programa Brasileiro também deu suporte para esforços de mensuração e gestão de emissões do **poder público**. Em 2012, a equipe do Programa Brasileiro auxiliou o governo do Estado de Santa Catarina no seu projeto pioneiro de contabilizar e relatar as emissões de GEE de toda a administração pública estadual.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

O Programa Brasileiro GHG Protocol chega aos cinco anos de existência reforçando os valores que nortearam sua criação: a promoção da cultura de inventários e da gestão de emissões de GEE por organizações públicas e privadas; o desenvolvimento de tecnologias e processos que permitam a redução efetiva e sustentada das emissões; e a construção coletiva de entendimentos, ferramentas e metodologias.

Mais do que isso, o Programa Brasileiro contribuiu para que a discussão sobre gestão de GEE deixasse de ser percebida como algo demasiadamente complexo e pouco estratégico para os principais gestores das organizações do país. Hoje, as lideranças empresariais e de governos não discutem mais a necessidade de se mensurar e gerir as emissões de GEE – esta ideia já está na agenda estratégica das principais organizações do país e do poder público.

MAIS DE 300 GESTORES E
EMPRESÁRIOS JÁ TINHAM SIDO
TREINADOS PELA EQUIPE DO
PROGRAMA BRASILEIRO

Se em 2008 a principal questão voltada ao tema nas organizações era como elaborar o próprio inventário corporativo de emissões, em 2013 a discussão evoluiu e passou a contemplar a gestão das emissões e adoção de eventuais metas de redução, buscando aumentar a competitividade das empresas brasileiras no cenário internacional.

Nesse sentido, o Programa Brasileiro espera continuar auxiliando na disseminação da cultura de inventários e de gestão de emissões, articulando esforços em torno de ferramentas mais confiáveis e apoiando as organizações brasileiras a manter a sua competitividade internacional no contexto de uma economia global cada vez mais orientada para o baixo carbono.

Coordenação: Mario Monzoni

Vice Coordenação: Paulo Branco

Coordenação de Sustentabilidade Global: Renato Armelin

Coordenação do Programa Brasileiro GHG Protocol: Beatriz Kiss

Pesquisadores: George Magalhães, Priscila Lacerda, Aletea Madacki

Coordenação de Comunicação: Ricardo Barretto

Redação: Bruno Toledo